

Temporalidades limitadas da esperança na Bósnia-Herzegovina

Via [LeftEast](#)

O espaço onde vivo e trabalho é descrito e prescrito por seu passado, pelo que já não é: pós-iugoslavo, pós-socialista, pós-conflito, alguns até reclamam pós-colonial. Este mundo raramente é enquadrado em termos do que é ou do que pode vir a ser. Stef Jansen em sua etnografia de moradores de um bloco de apartamentos em Sarajevo escreveu sobre “anseios no meio de Dayton” (Jensen, 2015), capturando um espaço liminar enquadrado por um anseio pela possibilidade de esperança e a aparente impossibilidade de “voltar ao normal” dentro dos arranjos de governança distópica na Bósnia-Herzegovina derivados do Acordo de Paz de Dayton de dezembro de 1995. Ao me concentrar aqui na Bósnia-Herzegovina, reflito sobre as temporalidades da (fracassada) engenharia política externa, a proliferação de projetos (fracassados) e as práticas performáticas da vida cotidiana, recusando uma narrativa determinista da ausência de esperança sem falar das possibilidades de repolitização.

Os acordos de governança em vigor na Bósnia-Herzegovina desde Dayton, elaborados por uma equipe de jovens advogados dos Estados Unidos, estão no centro do problema. Um pouco bem-sucedido como um acordo de paz, embora tenha mais ou menos congelado o status quo e permitido que os principais partidos políticos etno-nacionalistas que alimentaram o conflito continuassem a fazer negócios como de costume, torna a governança do Estado quase impossível. Uma piada bósnia recorrente é que todos consideram a constituição estabelecida no acordo como impraticável, mas, é claro, ninguém pode concordar com o que substituí-la. A Bósnia-Herzegovina é um

estado federal soberano, com uma presidência de três pessoas e um presidente rotativo, com base no que é chamado de “chave étnica”, com membros eleitos dos círculos sérvio-ortodoxo, bósnio-muçulmano e croato-católico. Continua sendo uma espécie de semi-protetorado com muitos poderes investidos no Escritório do Alto Representante, fundido em 2009 com o escritório do Representante da UE. Tem um Banco Central que é cuidadosamente regulamentado e há um pequeno número de Ministérios e agências simbólicas em nível federal, embora com muito pouco poder. A maior parte do poder está investida nas duas entidades, na Republika Srpska e na Federação da Bósnia-Herzegovina – há também o distrito autônomo de Brčko (população total de 93.000 habitantes) com seu próprio administrador estrangeiro, pois as partes não conseguiram chegar a um acordo sobre a entidade à qual a cidade deveria pertencer. A própria Federação da Bósnia-Herzegovina está dividida em dez cantões, cada um deles com um governador cantonal e um gabinete de ministros completo. Se tomarmos apenas como exemplo a política social e de saúde, não existe uma lei federal, existem leis de entidades, e cada cantão também aprova sua própria lei. Além disso, o financiamento é uma responsabilidade municipal, de modo que os direitos podem variar de uma pequena parte do país para outra. Isto significa que existem cerca de 140 Ministérios em todo o país, cada um com um Ministro, um Deputado, um casal de Assistentes, uma grande equipe, muitos assessores, e um grande número de carros oficiais.

A Bósnia-Herzegovina continua sendo uma espécie de “playground lotado” no qual encontramos uma proliferação de diversos atores – Sarajevo era frequentemente chamada de “cidade acrônimo”, pois todos os tipos de organizações internacionais, ONGs, grupos de reflexão, agências, consultores (“insultores” no linguajar local) e empresários políticos tinham uma presença lá (Stubbs, 2015). De fato, como o dinheiro da ajuda pós-conflito diminuiu, o escritório central de Sarajevo seria normalmente o último a fechar, existindo com restos da mesa de

doadores. Às vezes, como o que ficou eufemisticamente conhecido como “estratégia de saída”, uma ONG internacional criava sua própria FrankeNGO, uma spin-off local, sem ter certeza de que tipo de monstro poderia surgir. As distorções de uma economia imediata pós-conflito podiam ser observadas tanto em nível macro (estimativas de ajuda de doadores representando 15% do PIB total estavam sendo pulverizadas há algum tempo) quanto em nível micro. Você estaria significativamente melhor como, digamos, um professor universitário se você pudesse se retirar para sua casa de fim de semana em tempo integral e alugar seu apartamento na cidade para uma ONG para seu escritório ou um apartamento para seu pessoal. Você também poderia conseguir o sustento recebendo honorários de todo tipo de agências para escrever relatórios, mesmo aqueles de qualidade e originalidade questionável. Ainda hoje, o playground lotado é povoado e dominado por todos os tipos de flexionistas, nos termos de Janine Wedel (Wedel, 2009), esbatendo as fronteiras entre o público e o privado, o nacional e o internacional, o estadual e o não estadual, e muito mais. Nesta terra flex lotada, é o exército de intermediários, corretores, tradutores (literais e metafóricos), operando nas fendas e interstícios da governança, e quase completamente não-transparente, que possuem o verdadeiro poder.

O principal para futuros fracassados é “o projeto” como uma forma organizacional; um processo burocrático-gerencial; uma modalidade de financiamento e uma prática de governabilidade. A ‘Projectificação’ é um conjunto peculiar de repertórios, processos e práticas, reunindo recursos materiais, humanos e não humanos, lógicas calculativas, consistindo em etapas temporalizadas que, embora altamente contingentes, servem para tecnocratizar e despolitizar o mundo da vida e, de maneira mundana, reproduzir as técnicas cotidianas do neoliberalismo (Scott, 2021). Os projetos operam em velocidades variadas em múltiplos locais e escalas. Eles também vêm em ondas ou grupos: na Bósnia-Herzegovina, a primeira onda de projetos

“isolados” foi notável por sua enorme diversidade arbitrária, escalas de tempo curtas e rápidas mudanças de um tema ou grupo alvo para outro. A segunda onda foi de ‘projetos-piloto’ – como me disseram no final dos anos 90 “a Bósnia tem muitos pilotos, mas não tem aviões”. Os ‘pilotos’ deveriam ter o potencial para serem ‘escalados’ e se tornarem sustentáveis; isto é, tornar-se características de longo prazo ou permanentes do cenário de governança. Em uma terceira onda, foi dada prioridade à reforma sistêmica mais explícita, através de ‘projetos de apoio estratégico’, ajudando os ministérios e agências a planejar, implementar e avaliar reformas, e introduzir novas leis e regulamentos. Tais projetos foram aproximados dos centros de elaboração de políticas, mantendo ao mesmo tempo uma distância através de acordos de subcontratação, uma gama de “parceiros implementadores” e, não raro, a criação de novas agências paralelas, muitas vezes de caráter camaleão, para “impulsionar a reforma” e “contornar” aqueles que provavelmente estorvariam no caminho do “progresso”. Vários doadores investiram muito em agências que, muitas vezes, se tornaram conchas vazias, literal e figurativamente.

A Bósnia-Herzegovina é marcada pela ausência do tipo de aparelho estatal que fornece o que Jansen chama de “grades”, estruturas institucionais que calibram e ordenam as preocupações individuais, domésticas e comunitárias, fornecendo um pouco de orientação básica em termos do que esperar das autoridades. O Estado, junto com a família, é “semi-absorvente”, com práticas estatais altamente desiguais, muitas vezes indiferentes, ou então super-punitivas (Hromadžić, 2015). Um estudo das mães de crianças com deficiência aponta para a natureza errática, ambígua, tensa, provisória, contingente, imprevisível e até mesmo “misteriosa” dos serviços de cuidado. Sobreviver, para qualquer pessoa dependente de apoio estatal, é uma luta constante para obter acesso às pessoas certas que, se você tiver sorte, se todas as peças se encaixarem, podem oferecer ajuda que está tão longe

de um sistema estruturado, baseado em sistema, 'certo' como é possível obter (Brković, 2017). Um ponto de entrada conceitual aqui é a "semiperiferia", um espaço profundamente contraditório, promovendo a "rápida modernização" em condições de desindustrialização, dessecularização, repatrialização e anti-intelectualismo (Blagojević, 2009). As reformas são simultaneamente aceitas e opostas, imitadas e rejeitadas, em condições estruturais finas, degradadas e degradadas.

Quero terminar este ensaio de duas formas alternativas. Em uma, o desejo de normalidade gera uma espécie de passividade, uma resignação, se você quiser, uma erosão da capacidade de aspiração e, na melhor das hipóteses, uma demissão irônica do absurdo das práticas de governo. A frase *će bolje* pode muitas vezes ser ouvida pelos falantes do Sul-eslavo mas significa exatamente o oposto de sua tradução literal – "as coisas vão melhorar". Isto é capturado em uma citação do romance *Na Drini ćuprija* (A Ponte sobre a Drina), de Ivo Andrić, publicado em 1945, descrevendo as respostas locais às tentativas do Império Austro-Húngaro de modernizar a cidade de Viésegrado no final do século XIX:

"Os recém-chegados nunca estavam em paz; eles não permitiam que ninguém mais estivesse em paz. Parecia que estavam resolvidos com sua teia impalpável mas cada vez mais perceptível de leis, regulamentos e ordens para abraçar todas as formas de vida ... e para mudar e alterar tudo ... Velhas ideias e velhos valores se chocavam com os novos, se fundiam com eles ou existiam lado a lado, como se estivessem esperando para ver qual sobreviveria a qual. ... As pessoas resistiram a toda inovação mas não chegaram a extremos, pois para a maioria delas a vida sempre foi mais importante e mais urgente do que as formas pelas quais elas viviam". (Andrić, 1995: 135)

Neboja-Saaviha Valha (2013) discute o fenômeno do *raja*, referindo-se aos círculos de amigos de confiança, muitas vezes baseados em uma atividade (*raja* café, *raja* esqui, *raja* caminhada, ...), onde se pode ser você mesmo e praticar

zajebancia, divertindo-se de uma forma desinibida. Para Šaviha-Valha, o *raja* é visto por muitos sarajevanos e bósnios de modo mais geral, pois o que foi segurado contra todas as probabilidades durante o conflito e posteriormente se torna uma espécie de forma auto-irônica de criticar os absurdos da elite política, mas, no final, descansando sobre essa crítica e se conformando com o *raja* como sobrevivência cotidiana.

Para meu final alternativo, vale notar que, em 8 de junho de 2021, a Bósnia-Herzegovina tinha o terceiro maior índice de mortes por milhão de habitantes na COVID no mundo, atrás apenas do Peru e da Hungria. A primeira onda da pandemia foi marcada por um escândalo de corrupção no qual uma empresa de processamento de frutas com laços estreitos com líderes políticos conseguiu um contrato lucrativo para importar ventiladores respiratórios da China que se mostrou deficiente. A Bósnia-Herzegovina de hoje também polícia a fronteira com a UE e é um importante centro de detenção para refugiados e requerentes de asilo mantidos em condições terríveis, muitos dos quais foram violentamente empurrados de volta pelas autoridades croatas e bósnias. Atos localizados de solidariedade com os requerentes de asilo ainda ocorrem, mas não na escala das respostas ao longo da chamada “rota dos Balcãs” em 2015, quando uma espécie de geopolítica intergeracional de solidariedade viu atividades de base oferecendo apoio prático e político aos migrantes da Líbia, Síria e outros lugares.

Estas ações se seguiram aos protestos de fevereiro de 2013, denominados *bebalucija* quando, após uma lei sobre números de identificação pessoal ter sido declarada inconstitucional, os políticos dos principais partidos nacionalistas não conseguiram chegar a um acordo sobre uma nova lei, o que significava que os recém-nascidos não poderiam obter um passaporte nem um número de seguro de saúde. Em certo sentido, foi precisamente o absurdo de um impasse sobre os números de identificação pessoal que desencadeou a raiva dos

manifestantes, chegando a um crescendo quando uma criança de três meses de idade morreu em junho de 2013 porque não foi autorizada a entrar na vizinha Sérvia para tratamento. Mais tarde, vários dias de tumultos começaram na cidade industrial de Tuzla, em fevereiro de 2014, quando trabalhadores de várias fábricas que haviam perdido seus empregos se chocaram com a polícia fora do prédio do Governo Cantonal. A agitação se espalhou por muitas outras cidades, principalmente na Federação e, embora amplamente divulgado, eles continuam sendo importantes para a experiência de democracia direta através de plenários que hoje vivem em todo o espaço pós-Iugoslavo. Não tentarei formular alguns princípios a respeito da relação entre o cotidiano e o político em termos dos quais é mais provável que termine. Como observou Stuart Hall (Hall, 2007: 279), tais coisas estão sempre “abertas ao jogo da contingência”.

Paul Stubbs é um sociólogo nascido no Reino Unido que vive e trabalha no espaço pós-Iugoslavo desde 1993. Ele é Pesquisador Sênior no Instituto de Economia, Zagreb e ex-Co-Presidente da Associação para a Antropologia da Política da Associação Antropológica Americana. Seu livro editado sobre a Iugoslávia Socialista e o Movimento dos Não-Alinhados deverá ser publicado em 2022.

Referências

- Andrić, Ivo. 1995. *The Bridge Over the Drina*. London: Harvill.
- Blagojević, Marina. 2009. *Knowledge Production at the Semi-Periphery: A Gender Perspective*, Belgrade: Institute for Criminological and Sociological Research.
- Brković, Čarna. 2017. *Managing Ambiguity: How Clientism, Citizenship and Power Shape Personhood in Bosnia and Herzegovina*, New York: Berghahn Books.
- Hall, Stuart. 2007. “Epilogue: through the prism of fan intellectual life,” in Brian Meeks and Stuart Hall

(eds.) *Culture, Politics, Race and Diaspora: the thought of Stuart Hall*, London: Laerence & Wushart: 269-291.

Hromadžić, Azra. 2015. "Loving Labor: Work, Care and Entrepreneurial Citizenship in a Bosnian Town," in Stef Jansen et al. eds. *Negotiating Social Relations in Bosnia and Herzegovina*, Farnham: Ashgate.

Jansen, Stef. 2015. *Yearnings in the Meantime: 'Normal Lives' and the State in a Sarajevo Apartment Complex*, New York: Berghahn Books.

Scott, David. 2021. *(Dis)assembling Development: Organizing Swedish Development Aid through Projectification*, Doctoral Thesis, Karlstad University, Sweden, <https://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1509382/FULLTEXT02.pdf>

Stubbs, Paul. 2015. "Performing Reform in South East Europe: consultancy, translation and flexible agency", in John Clarke et al *Making Policy Move: Towards a Politics of Translation and Assemblage*, Bristol: Policy Press: 65-94.

Šaviha Valha, Nebojša. 2013. *Raja: Ironijski aspekt svakodnevnne komunikacije u Bosni i Hercegovini i raja kao strategija života*. Zagreb: Jesenski i Turk.

Wedel, Janine. 2009. *Shadow Elite*, New York: Basic Books.